O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO E TRANSFIGURAÇÃO ÉTNICA NO ROMANCE MAÍRA

THE PROCESS ACCULTURATION TRANSFIGURATION ETHNIC AND NO ROMANCE MAÍRA

Dione de Maria e Silva Barichello[1]
Flávia Cristina de Almeida [2]
Sarah Maria de Godoy Costa e Nascimento [3]

RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. *20ª. Edição. São Paulo: Global, 2014.*

Ao escrever o romance Maíra, o autor se remete a suas experiências junto aos povos indígenas. Ele se encontrava exilado no Peru, e ao ver a situação política no Brasil, a sua única saída para reviver entre os índios foi escrever o romance que, em suas mil horas escritas, o devolveu a vida.

Muitos críticos entendem a obra como uma metáfora da própria situação do autor que, assim como o personagem principal de seu romance, o índio Isaías, que fora levado de sua tribo, Darcy Ribeiro foi obrigado a deixar seu país por razões independentes a sua vontade.

Através da narrativa literária é possível perceber muitas semelhanças com a realidade do autor. Até mesmo no aspecto mítico existe essa dualidade. A briga de poderes entre o Deus criador Mairahu-mairum ambir e sua criação o Deus Maíra, que briga com seu pai com o intuito de transformar o mundo num lugar melhor para se viver, de modo que as pessoas tivessem mais gozo pela vida. Teoricamente pode-se compreender essa passagem como à situação política do Brasil na década de 70, assim como na socieda-

[1] Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade de Goiás – Campus Catalão – UFG/CAC
[2] Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade de Goiás – Campus Catalão – UFG/CAC
[3] Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade de Goiás – Campus Catalão – UFG/CAC

de tradicional vigente, havia a necessidade do surgimento de um novo regime político, visava-se um país renovado, que mesmo em meio a tantas incertezas, apresentava como único objetivo ser um lugar melhor para se viver.

Uma das diversões do Deus Maíra era se apropriar do corpo dos homens para sentir o ar, a terra e toda a sua criação. Mas ao se apropriar do corpo de Isaías ele tem uma grande descrença no ser humano, ao perceber a falta de gozo que Isaías tinha pela vida e sua subjetividade contraditória.

Darcy Ribeiro é muito profundo em sua escrita e em suas colocações nessa obra. Não existe meio termo ou qualquer pudor em suas palavras, ele relata de forma muito sucinta a alegria a reciprocidade e a simplicidade do modo de vida Mairum, bem como o gozo que eles tinham pela vida.

No que se refere à sexualidade, o romance nos traz uma naturalidade no ato sexual e no prazer, o que para nós hoje ainda é um tabu discutir, para os mairuns seria um ato espontâneo que vai além da procriação e reflete a alegria do viver.

O antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro certamente pesquisou com profundidade a formação da população brasileira, sendo esse romance o resultado de seu rigoroso e amplo estudo sobre os indígenas de nosso país. Analisando Maíra através de uma perspectiva cultural heterogênea que busca ressaltar as nuances na concepção da identidade cultural brasileira, compreendemos o choque e a integração entre o universo do branco e do índio, ao mesmo tempo em que refletimos sobre a constituição do povo brasileiro, que toma forma com a expressão da dor e do gozo de ser índio.

A obra é bastante oportuna para entender o conflito de seres que se separam de suas raízes culturais e buscam recuperar sua identidade contrapondo as noções indígenas de cultura e tradição para entender como eles lidam com a permanência e a mudança cultural associada ao risco da perda de identidade. Assim, a narrativa do romance e a vasta experiência antropológica do autor foram fundamentais para a construção de Maíra e seus personagens, três em especial: Isaías/Avá, o índio genérico, que segundo o autor, é aquele que oscila entre ora negar a identidade tribal, ora negar sua qualidade nacional; Alma, que se constitui como a brasileira branca civilizada que vai até os mairuns fugindo de seu caos pessoal e Juca, que representa o

brasilíndio mameluco punidor de seu gentio materno.

Isaías, ou Avá como era chamado em sua tribo, é o protagonista do romance, ele apresenta-se como um índio convertido que pertencia à tribo dos mairuns. Ainda criança foi levado de sua aldeia por um missionário. Isaías foi para Roma, onde estudou teologia; contudo, ao não consegue se identificar com o mundo "civilizado" decide abandonar a igreja e voltar para sua tribo, onde era esperado como sucessor do tuxauã um líder espiritual a pouco falecido na tribo.

É possível, no capítulo onde o personagem é introduzido no romance, tomar conhecimento da crise sofrida por Isaías/ Avá, ele não se encaixa em nenhum dos dois mundos e acaba por sofrer uma morte conotativa por causa disso.

No romance, o personagem vive a tragédia de ser o índio genérico, ele já não mais se adapta aos costumes dos mairuns e nem se identifica com os costumes "civilizados" infundidos nele. Desse modo, sua reinserção na tribo Mairum logo se demonstra problemática, uma vez que o personagem já despido da ótica mitológica dos mairuns não corresponde às expectativas de seus ouvintes e não é mais reconhecido como o Avá.

Alma, a coprotagonista do romance, representa a branca civilizada que se desencanta com a sociedade urbana. Após a morte de seu pai ela sai em busca de uma resposta para o caos em que vive e enxerga na ajuda missionária essa possibilidade. Ela é o produto do contexto do caos social, urbano e pessoal, e suas crises que culminam na troca constante de parceiros sexuais, associadas ao uso de drogas, são fatores que contribuem para esse desencantamento.

A personagem é rapidamente apresentada no capitulo ALMA, e de seus diálogos com uma freira, fica revelada sua vontade de se unir à missão de irmãs francesas que pretendiam trabalhar com os índios mairuns, e apesar de seu desejo, essa oportunidade lhe foi negada pelas autoridades eclesiásticas, mas ela vai por conta própria viver em meio aos índios. Ao chegar à aldeia ela logo se adapta e identifica-se com a simplicidade do mundo Mairum, que contrasta severamente com o mundo caótico do qual ela veio.

Alma, ao contrário de Isaías/ Avá, tem uma morte denotativa, enquanto Isaías "morria" por não mais se adaptar ao ethos tribal. Alma, que havia engravidado, acaba morrendo no parto por não possuir a mesma preparação física das índias mairuns.

Por fim, temos Juca, personagem secundário dentro do romance, ele é um mestiço, filho de uma índia Mairum com um agente do SPI que "amansou" a tribo. Depois de adulto, Juca tornou-se um comerciante de considerável poder aquisitivo na região. Esse personagem caracteriza-se como o mameluco punidor de seu gentio materno. Por carregar consigo um rancor incontestável contra os mairuns, ele fazia de tudo para se livrar do paradigma de ser um mestiço.

Ao transmutar em objeto artístico e ficcional sua experiência de antropólogo, Darcy Ribeiro conseguiu criar um romance que possui tanto riqueza literária quanto antropológica. Fez ainda uma análise profunda, que refletiu na incapacidade da completa integração entre o mundo dos mairuns e dos "civilizados", mostrando o destino trágico de uma etnia fadada a extinguir-se, ao mesmo tempo em que iniciou uma reflexão acerca dos embates culturais ocorridos no processo de colonização.

Através do romance, Darcy Ribeiro nos apresenta aos índios que passaram a se ver totalmente diferentes dos brancos, e que tiveram suas identidades dilaceradas por isso, mostrando, ainda, que, em última instância, esse processo gera a transfiguração étnica e psicocultural que pode dizimar populações retirando-lhes o desejo de viver.

O conceito de transfiguração étnica foi criado por Darcy Ribeiro para caracterizar as transformações pelas quais os índios foram submetidos ao longo do tempo. Segundo Ribeiro, "transfiguração étnica" é o processo pelo qual os povos se fazem e se transformam ou se desfazem. Nenhum índio vira civilizado, o que há é que um povo indígena, mantém sua indianidade, aos poucos morre e, ao lado dele, surge um núcleo humano civilizado que cresce às suas custas e contra ele. Então, assim como não há conversão, não há assimilação. O que há é uma integração inevitável. Se o índio é cada vez mais cercado de um contexto civilizado ou comercializado, se ele próprio se converte em mão de obra, se tem que produzir mercadoria, é claro que ele tem uma integração cada vez maior com a sociedade nacional, apesar dessa integração não destruir sua identidade. Ele mantém sua identidade como indígena, apesar de transformados os costumes, e apesar de mudar o modo de se vestir, ele ainda permanece indígena.

No romance Maíra essa forma de transfiguração étnica é evidenciada no personagem Isaías que deixa sua tribo ainda criança para se tornar um ministro

de Deus da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Roma. Ao ser identificado como um índio genérico pelo Padre Ceschiatti, Isaías entra numa profunda crise de identidade.

> "Reconheço que estou com complexo, obsessivo: paranoico ou esquizofrênico ? Sei lá. Na verdade ninguém me quer mal porque eu sou, ou porque eu fui índio. Apenas constatam. Muitos até se comovem: 'vai receber ordens?' E todos concluem: 'Para se dedicar as missões ?' Nesta altura perguntam: 'Vai voltar ao seu povo ?' Querem dizer: 'À sua tribo, aos seus selvagens'. Eu vou ? Não vou ? Belga ou holandês pode catequizar índio. Espanhol e italiano e até norte americano pode pregar na Itália, na França, no Brasil, onde quiserem. Mas eu, índio mairum, posso ser sacerdote deles ? Nunca! No Brasil também não me tomarão por índio o tempo todo ? Não. Lá é diferente. Muita gente tem cara de índio e anda lampeiro por todo lado, sem ninguém ligar. Muitos até proclamam que a avó foi pegada no laço. Sobretudo se são escuros. Mas comigo é diferente. Nenhuma avó minha foi pegada no laço. O selvagem sou eu mesmo. Minha avó sou eu." (RIBEIRO, Darcy, 2014:29)

Para Darcy Ribeiro a transfiguração étnica se faz através de instâncias, que não precisam se suceder uma depois da outra. São instâncias nas quais um povo se transforma e se transforma tanto mais, necessariamente, porque ao se transformar ele sobrevive. E ele se transforma mantendo sua própria cara, mas mudando para tornar viável sua vida num contexto que lhe é hostil.

A aldeia Mairum, no romance Maíra, representa toda essa gama de transfiguração, pois segundo Ribeiro a sociedade nacional e civilizada chegou, encontrou povos tribais que eram ecologicamente equilibrados, produziam o que comer, tinham uma grande alegria em viver. Esses povos foram dizimados ecologicamente, social, cultural e psicologicamente.

Ao fazer a análise da obra, conclui-se que o elemento central discutido aqui é o processo de transfiguração étnica que o povo indígena sofre. Transformações essas que são descritas através de Isaías, o personagem principal, índio convertido que foi destituído de sua cultura, mas que representa para sua tribo a continuação de seu clã. Isaías não sabe mais quem ele é, ele não se sente índio, nem civilizado, vive entre os dois mundos, simbologicamente entrelaçado entre

o mundo dos Deuses e o mundo terreno.

Em síntese, é através da linguagem romancista que podemos perceber os aspectos relevantes dessa metáfora proposta pelo autor. O drama dos mairuns é universal, a humanidade cada vez mais se definha, as pessoas estão perdendo suas crenças, seus valores e sua cultura. Embora a obra seja fictícia, ela se encontra presente na totalidade dos fatos e isso só é perceptível através da sensibilidade com que o autor compõe a sua história e constrói sua narrativa.